



Ana Pamplona

MINHA VIDA

Em Prosa

Ana Pamplona

Minha Vida - Em Prosa



ABDR - Associação Brasileira de Direitos Reprográficos
Não é permitida a reprodução sem a prévia autorização da autora.

Todos os direitos reservados a Ana Pamplona



Ana Pamplona

Minha Vida
em
Prosa

BLUMENAU - 2ª EDIÇÃO REVISTA
2003





Quero dedicar este livro a uma pessoa muito especial para mim, pois desde o momento que o conheci passou a fazer parte da minha vida, nas horas alegres, tristes e também no trabalho do dia-a-dia.

É você Lauro, que embora não esteja pessoalmente aqui, sinto a sua força.





A vocês filhos queridos:

Edina,

Valdecir,

Iraní,

Jacir,

Maria Daurete,

*Meu agradecimento
e a certeza do meu amor.*





A g r a ð e c i m e n t o s

.....

À minha filha Irani, que em conversa contei do meu sonho, e ela disse: - Deixe para mim. Arrumou a amiga Fábria G.M. Peron. E assim o livro foi desenvolvido em segredo entre nós três. Depois levamos à Editora e Gráfica Odorizzi e só hoje 26/07/97 levamos a público este sonho.

A você Irani, que se dedicou com tanto carinho e vibrou a cada etapa: Que Deus te abençoe, porque eu já te abençoei.



Agradeço em especial à minha amiga e hoje quase filha, que soube me ouvir horas e horas durante alguns meses. Sem ela este sonho não seria realidade.

A você Fábria G.M. Peron que fez a redação da minha vida, com muito carinho receba o meu agradecimento.







PREFÁCIO

SINTO-ME LEVE, MUITO LEVE, NUMA
INDIZÍVEL LEVEZA, COMO SE UMA CHUVA
SUAVE TIVESSE LAVADO MINHA ALMA.

SINTO-ME LEVE E DESCONTRAÍDA, COMO SE CARREGASSE A BELEZA DA
AURORA NA ALMA, REPLETA DE LUZ E ESPERANÇA.

QUANDO O CORAÇÃO TEM OLHOS A GENTE ENXERGA LONGE. USEI OS
OLHOS DO CORAÇÃO E DA MINHA MENTE PARA ESCREVER ESTE LIVRO QUE
AGORA DEPOSITO EM SUAS MÃOS.

MUITAS VEZES, ENQUANTO ESCREVIA, SUPLIQUEI AO DIVINO MESTRE QUE
ME ILUMINASSE E ABENÇOASSE.

AGORA PEÇO AO MESTRE QUE ILUMINE AS PESSOAS QUE COM CARINHO
ESTIVEREM LENDO ESTAS PÁGINAS. NELAS ESTÃO DEPOSITADAS PODEROSAS
SEMENTES DE ENERGIA, QUE CAIRÃO NO TERRENO DO SUBCONSCIENTE PARA
GERMINAR EM BELAS REALIZAÇÕES.

DURANTE ANOS SONHEI EM ESCREVER UM LIVRO, NÃO UM LIVRO COMO
ESSES QUE ENCONTRAMOS NAS LIVRARIAS, MAS UM DOCUMENTO QUE
FALASSE DE UMA MANEIRA PECULIAR MINHAS EXPERIÊNCIAS. ACHAVA QUASE
IMPOSSÍVEL ESCREVER PORQUE NÃO FREQUENTEI ESCOLA, MAS PERSISTI E
AQUI ESTÁ: MEU SONHO CONCRETIZADO.





Infância feliz - parte I

Infância feliz - parte II

Novos tempos

Família, força da união

Momentos em família

Novas experiências

A gente não sabia nada

Minha segunda família

Um dia muito especial

O compromisso

Feliz para sempre,

até que a morte nos separe

Como irmãos

O início de tudo

Escrava do coronel, nem pensar...

O início

Puxávamos pela mesma corda

O Sonho da valsa

Novas decisões

Modernizar para crescer

Finalmente o sonho se realizou

O vazio que ficou

Unidos venceremos

Mensagens





Infância Feliz

parte I

ERA NOITE. Fazia muito frio naquele mês de julho de 1927. Havia grande movimentação na casa, olhares aflitos, preocupação. Polda, a parteira, envolvia-se em atender a futura mamãe, que mais uma vez dava a luz a uma criança, o quinto filho do casal. João, o futuro papai, procurava não atrapalhar, pois homens nesta hora geralmente ficam sem ação. A pobre parteira dividia sua atenção com uma outra gestante, que morava na vizinhança e que também estava sentindo as dores do parto. Nesse vai e vem nasci. Frágil, quase raquítica, como diziam: **um pingo de gente**. Envolveram-me num velho cobertor para proteger-me do frio dolorido que fazia. Nem bem cheguei a este mundo, e já temiam que fosse riscada do livro dos viventes. Não sabiam eles que dentro daquele corpo tão franzino pulsava um coração que queria ficar e viver.

No entanto a preocupação em me batizar era grande. Achavam que eu não resistiria e tinham que me levar para receber o sacramento do batismo. Meus pais convidaram um casal amigo para serem meus padrinhos. No dia escolhido, dirigiram-se à comunidade de Rio do Oeste para lá celebrarem meu batizado. Fomos de carroça. Algumas vezes pararam preocupados achando que eu havia desencarnado, pois os solavancos da carroça na estrada de barro eram fortes e eu era muito frágil. Meus padrinhos, Vicente e Catarina Barcelos, tentavam acalmar

meus pais dizendo a eles que eu seria uma bela criança, cheia de saúde e alegria. Para minha felicidade parece que meus padrinhos estavam certos. Fui uma criança feliz e sapeca, fazia minhas travessuras, esbanjava animação e sempre estava muito risonha. **Nica**, era assim que me chamavam. Fui criada numa região privilegiada, cercada por uma natureza formosa, de um verde sem par, localizada nas redondezas de Laurentino.

Minha infância foi fortemente marcada pela pureza e a simplicidade da vida na roça, da qual muito me orgulho.

O que contei até o presente momento foi contado para mim por meus pais, naquelas conversas no fim de um dia de trabalho, sentados a beira do fogão a lenha ou então na varanda, nos momentos em que meu pai tocava gaita, cavaquinho e bandolim para nos divertir.





Infância Feliz

parte II

HÁ MOMENTOS na vida do ser humano que são inesquecíveis. O que passo a contar a partir de agora, são lembranças que fazem parte de um passado que tenho muito orgulho de lembrar, e que vivenciei cada momento com amor e dedicação.

As coisas começaram a complicar a medida que eu fui crescendo. Um problema de nascença em minha perna tornava-se mais acentuado a medida que o tempo foi passando.

Já aos sete anos, com o auxílio de um intendente conhecido do meu pai, senhor Serapião Claudino, foi possível encaminhar-me a uma consulta na cidade de Blumenau. Eu e meu pai viajamos de trem. Depois da consulta médica marcamos a cirurgia. Fui submetida a uma operação muito delicada. Não lembro o que passou na minha cabeça, foi uma mistura de sensações. Uma das minhas pernas era mais curta e com a operação teria chances de andar com mais facilidade. Fiquei internada no hospital, para recuperar-me, aproximadamente três meses. Estava sob os cuidados das irmãs do hospital das quais recebi muito amor e dedicação. Gostava de estar com as irmãs. Tinha muitos brinquedos e atenção de todas em tempo integral. Em casa era diferente. Minha mãe

trabalhava na roça e tinha os afazeres do lar, sobrava pouco tempo para dedicar-se a mim e aos meus irmãos. Não esqueço o dia em que meu pai veio buscar-me. Havia recebido alta e iria sair do hospital para voltar para casa. Papai trouxe-me um lindo vestido florido. Era um vestido de chita com uma estampa bem suave e delicada. Me senti uma princesa. A despedida foi um pouco triste pois já havia me acostumado com aquelas irmãs tão bondosas e queridas, mas também sentia saudades da minha família. O caminho da volta foi tranqüilo e cheio de expectativas. Queria que todos vissem que estava andando melhor, mesmo que ainda necessitasse do apoio de muletas.

Foram mais oito anos depois da cirurgia que precisei apoiar-me com o auxílio das muletas. Não freqüentei escola, pois o trajeto até a escola mais próxima era longo e eu tinha dificuldades em locomover-me. Minha mãe, percebendo que eu mostrava interesse em aprender a ler e escrever ensinou-me o alfabeto e os numerais. Minha curiosidade sempre me fez ir em busca daquilo que desejava e foi assim que me alfabetizei. Lia o que passava pelas minhas mãos, gostava de aprender.

A vida na roça começava sempre muito cedo. Com o primeiro raio de sol todos já estavam em movimento. Nós, as crianças, depois de fazermos as tarefas já determinadas por minha mãe, queríamos é saber de brincar. Combinávamos no sábado o que iríamos fazer no domingo. As brincadeiras eram variadas: amarelinha, brincadeiras de roda, subir nas árvores para tirar frutas. Certa vez caí de uma árvore e quebrei o braço. Tiveram que imobilizá-lo com uma tala. Fiquei muito chateada por ter que cuidar nas brincadeiras e por um tempo não poder subir em árvores. A coisa que mais gostávamos de fazer, eu e as amigas Lúcia e Cristina, era brincar de casinha. Fazíamos comidinha em latinhas e servíamos nas tampas das latas. Tudo era muito bonito, nos deleitávamos fazendo das bonecas de trouxa de pano nossas filhas. Passávamos as tardes de domingo assim...

O dia parecia que tinha poucas horas para tudo que gostava de fazer. Não parava um instante. Estava sempre achando o que fazer.

Acabaram me apelidando mais uma vez, “**corninho**”, de tantas que aprontava. Certa feita caí sobre a chapa quente do fogão a lenha. As queimaduras foram seríssimas, foi mais uma época que tive que ficar sossegada. Ainda tenho as cicatrizes do acidente. Às vezes fico a lembrar que meus pais tinham tanto trabalho e ainda tinham que prestar atenção nas minhas estripulias, mas eles nunca me bateram. Mesmo sendo tão sapeca, nem eu nem meus irmãos apanhávamos, com exceção de uma vez em que minha mãe bateu-me achando que era minha irmã.

Adorávamos dias de festa. Como eram felizes aqueles dias. Natal era uma festa muito especial. Minha mãe fazia grandes doces e pintava-os a noite para não vermos. Diziam que “**Bambim**” trouxera e com aqueles doces enfeitávamos o pinheiro. Eles eram os nossos presentes. Não tínhamos o hábito de trocar lembranças. Aos dez anos recebi meu primeiro presente, esse não foram apenas doces, e sim, um boneco de plástico com formato de Papai Noel. Como fiquei feliz. Estava encantada e radiante diante daquele pequeno boneco.

A páscoa também sempre foi uma data muito esperada. Fazíamos grandes ninhos com capim bem verdinho e toda essa preparação era para agradar ao coelhinho. Só voltávamos ao local três dias depois de termos feito o ninho. Quão grande era nossa surpresa ao percebermos que o coelho havia comido todo o capim e que tinha deixado para nós lindos ovos coloridos, amarelos, vermelhos e verdes. Muito tempo depois descobri que minha mãe era quem preparava a tintura para colorir aqueles maravilhosos ovos que eram de galinha, cozidos numa infusão de massanilha, batatinha, salsa e outras ervas.

Mesmo sendo uma criança criada livremente, fui muito tímida, por vezes encabulada demais. Um dos fatores de tanto recato foi nossa educação. Naquela época criança não participava, não opinava, respeito era uma norma básica. Lembro-me que quando o padre Bruno vinha visitar nossa comunidade, era um movimento danado de guri pequeno agarrando o mato para esconder-se do padre. Ele vinha dirigindo uma fubica (carro da época), coberta com uma lona escura e com rodas de

madeira. Trajava uma túnica preta e calçava sandálias. Minha mãe nos assustava dizendo que o padre pegava as crianças e as levava embora. Tínhamos receio mas ao mesmo tempo contemplávamos (claro que a distância) aquela pessoa tão especial, aquela figura diferente e muito respeitada. Todos zelavam muito pelo padre.





Novos Tempos

EXISTEM ÉPOCAS na vida do ser humano que fazem as pequenas diferenças tornarem-se maiores do que pensamos. Meus quinze anos marcaram muito minha vida. Já não mais necessitava das incômodas muletas. Venci mais aquele pequeno, mas incômodo obstáculo. Podia freqüentar a catequese que era uma maneira de estar lançando o primeiro alicerce para uma vida cheia de esperanças, num futuro mais promissor e feliz. Para chegar ao local onde tinha os ensinamentos cristãos, andava alguns quilômetros com os pés descalços, enfrentando muitas vezes o frio do inverno, a geada grossa, ou a chuva gelada. Não tinha muita roupa. Tudo era escasso, mas participava da catequese com muita fé e alegria no coração.

O dia mais feliz da minha vida até aquele momento havia chegado. Estávamos para receber mais um sacramento, o da primeira Eucaristia. Que felicidade. Estava tão alegre que parecia explodir de emoção. Estava me sentindo tão linda naquele vestido branco com detalhes em fita de seda também branca. Era muito bonito. Os sapatos pretos de verniz com tirinhas traspassadas e um discreto salto. Foi a primeira vez que calcei um sapato. Que sensação agradável, um traje todo novo. Foi um dia inesquecível mesmo, com toda a simplicidade daquele momento. Era enorme o sentimento de felicidade pelo qual era tomada. A igreja estava enfeitada com muitas flores. Logo após o término



da missa foi servido um delicioso café para os catequizandos. Na mesa uma bela toalha branca que até reluzia e sobre ela as mais deliciosas cucas, bolachas, sem contar com aqueles saborosos pães e bolos. O café era servido em grandes xícaras. Todos os catequizandos ficaram de pé em volta da mesa. Só saímos dali no momento de irmos para casa.

Dentre todas as emoções que fui cercada naquele dia, a dor também esteve presente. A falta de hábito em usar calçados fechados resultou em doloridos calos, compensados naturalmente pela alegria e felicidade do dia.



*Sempre que desejava algo,
conversava com meu pai, fazia carinho,
levava um cafexinho ...*



Família

Força da União

FOMOS SEMPRE uma família muito unida. Éramos em 11 irmãos, 8 mulheres e 3 homens. Não havia brigas entre os irmãos, nos respeitávamos muito. Certa vez, um dos meus irmãos de idade mais avançada que a minha, chegou em casa reclamando. Disse que a professora o havia chamado de burro. Fiquei indignada com tal atrocidade. Ora, meu irmão não tinha longas orelhas e nem um rabo. Não deu outra. Combinei com meu irmão e fui ter com a professora. Oras, chamar o meu irmão de burro e ficar sem resposta não condizia com minha personalidade. Respeito aos semelhantes foi um dos ensinamentos mais frisados por meus pais. Cheguei à sala de aula e pedi para falar com a professora. A mesma atendeu-me e soltei o verbo. Acabei derrubando até uma mesa. A docente ficou tão nervosa que escorregou e caiu. Acho que ela fez até mais do que apenas cair. Saí daquela escola arrastando meu irmão comigo. Encontrei com um tio que era presidente da escola. Chamou minha atenção e ameaçou contar o fato ocorrido na escola para minha mãe, pois para meu pai eu mesma contaria.

Meu pai sempre foi muito amigo, calmo e tolerante. Sabia dizer a coisa certa na hora certa. Dentre os filhos sempre fui a que estava mais próxima dele. Quando percebia que estava aborrecido, procurava-

o oferecendo-lhe um café. Ficava ali fitando-o, querendo que aqueles momentos não passassem nunca. Ele sabia me compreender. Seus olhos, muitas vezes diziam muito mais do que seus lábios. Interessante, eu amava minha mãe com intensidade, mas ele era especial.





Momentos em Família

NAS OCASIÕES de festas o cardápio era sempre muito diferente. Minha mãe preparava pão de trigo e outros pratos muito apetitosos. Esperávamos com muita ansiedade estes dias diferentes. Nos dias comuns, ou seja, na maior parte dos dias do ano, o pão era de cará, aipim ou batata doce. Comíamos feijão e nunca faltava a deliciosa polenta, prato italiano que aprendemos a admirar com meus avós, que eram da localidade de Cremona na Itália.

Para termos o açúcar levávamos a cana no engenho e recebíamos açúcar escuro, tudo era de meia com o proprietário do estabelecimento. Para obtermos o fubá, levávamos o milho à tafona e trocávamos por fubá. Muitas vezes minha mãe torrou e pilou nosso próprio café, para obtermos a farinha de mandioca também trocávamos no engenho.

As noites eram especiais. Sentávamos para conversar, bordar e ouvir meu pai tocar seu variado repertório. Nas ocasiões em que ele ia tocar em algum baile, nós o acompanhávamos e aproveitávamos para dançar. De longe ele nos observava. Não podíamos dançar com homens casados e nem pensar em conversar durante a marca.

Às vezes perguntava a ele: - Como podemos conquistar um namorado se não conversamos com os mancebos? Quase sempre ficava sem resposta.

Meu pai gostava de nos levar às domingueiras e aos aniversários. Nos chamava de “**meninas**”. Éramos pobres, mas felizes.

Trabalhava muito, mas também era muito vaidosa. Certa vez resolvi encrespar meus cabelos. Saí de Laurentino caminhando, resolvida a mudar meu visual. Quando cheguei em Rio do Sul, a ansiedade era muito maior do que meu cansaço. Já na cadeira em frente aquele espelho, estava disposta a cortar o cabelo e fazer permanente, afinal, era o meu sonho. Correr atrás dos sonhos, mesmo que pequenos, sempre fez parte de mim. Horas naquele salão, já não suportava mais o cheiro que emanava dos meus cabelos. Meu traseiro estava quadrado de estar tanto tempo sentada. Finalmente fiquei pronta. Encarar o espelho, foi outra batalha. Não deu tempo de chegar em casa e já estava arrependida. Para me deixar mais triste, meu pai detestou. Só voltei a fazer permanente depois que casei e me arrependi novamente.





Novas Experiências

AOS DEZESSEIS anos passei algum tempo morando com a família de meu tio José Eliriano da Rocha. Eu ajudava a cuidar das crianças. Acordava cedo, tratava os animais, encaminhava tudo para aquele dia de labuta. Trabalhávamos na roça. Meus tios moravam próximos da casa dos meus pais, éramos vizinhos.

Na vida temos que nos adaptar a tudo, só assim poderemos discernir entre o que queremos e o que não queremos e porque não queremos determinadas coisas.

Já de volta à minha casa, não satisfeita com a vida da roça, resolvi fazer outra coisa. Valeria como experiência.

Quanto mais aprendemos mais chances temos de saber valorizar a vida. Digo isso pois aos dezessete anos soube o que é trabalhar em uma fábrica de tijolos. O serviço era todo manual, meus dedos estavam sempre em carne viva. Os tijolos eram retirados ainda quentes dos grandes fornos. Não me arrependo em momento algum de ter realizado este trabalho.

Durante toda a semana ficava na expectativa que o domingo chegasse. Os divertimentos naquela época eram poucos. Eu e minhas amigas muitas vezes fugíamos para irmos às domingueiras que aconteciam

aos domingos à tarde. A juventude é impetuosa e para não fugir a feminilidade pertinente às garotas, pelo caminho passávamos ruge e batom. Uma maquiava a outra. Guardávamos a maquiagem no capim e dávamos um nó na toiga onde tínhamos guardado nossos pertences, desta forma saberíamos onde encontrá-los.

Chegando no salão dançávamos duas marcas e saíamos correndo, pois a distância até em casa era longa. Para não perdermos tempo, tirávamos os sapatos dos pés, o que também era uma forma de conservá-los.

Naquele tempo os rapazes vestiam-se de paletó e chapéu. Um mancebo sem chapéu não tinha valor algum. As roupas eram muito bem passadas e os sapatos engraxados e lustrados. Eu e minhas irmãs tínhamos fama de passar muito bem as roupas. Alguns rapazes levavam seus ternos para nós passarmos, e com o dinheiro que recebíamos, comprávamos maquiagem. Valia o sacrifício. Mesmo sendo o ferro a brasa e muito pesado, não nos intimidávamos.





A Gente Não Sabia Nada

FUI CRIADA num ambiente muito familiar, de respeito, amor e honestidade e até mesmo de muita ingenuidade. Lembro-me que aos dezoito anos percebi que minha mãe estava com a barriga crescida e não me dei conta que aquilo era gravidez. Minha mãe nunca conversou conosco a respeito de nada que tivesse relação com o corpo. Ela tinha uma personalidade forte. Foi uma mulher de poucas palavras e estava sempre com a fisionomia fechada. Se minha mãe não nos contava sobre sua gravidez menos ainda meu pai, afinal, isso é coisa de mulher, era assim que pensavam. Tudo era feito de uma forma sigilosa e escondida. Não ficávamos sabendo de nada. E assim aconteceu, minha mãe estava sentindo dores fortes, estava no finalzinho da gravidez. Quando a parteira chegou à nossa casa para auxiliar minha mãe, trouxe consigo uma maleta e achei que dentro dela estava o bebê.







Minha Segunda Família

QUESPÍRITO DE SOLIDARIEDADE sempre foi cultivado em nossa família. Morávamos em uma comunidade onde cada vizinho auxiliava o outro, mesmo porque todos éramos parentes ou amigos. Foi por isso que meu pai concordou em deixar-me ficar na casa de tio Adelino para ajudar minha tia. Fui para ficar uma semana e acabei ficando até casar. Tio Adelino morava perto da casa de meus pais. Foi uma época muito feliz da minha vida. Minhas primas foram irmãs para mim e meus tios tinham-me como filha.

A rotina era sempre a mesma: acordar cedo, fazer o fogo, tratar a criação, tirar o leite, tomar café e ir para a roça, onde plantávamos fumo. Voltávamos ao meio dia para o almoço. Neste intervalo dividíamos as tarefas de lavar a louça, lavar a roupa, tratar a criação e limpar a casa. Logo depois retomávamos o trabalho na lavoura e só ao entardecer, já fatigados com a lida do dia, voltávamos para casa, sempre carregando alguma coisa: trato, lenha, um balaio de batatas ou aipim.

Aos domingos, quando íamos à missa, era a oportunidade de conversarmos com outras pessoas e sabermos o que estava acontecendo pela vizinhança. Depois da missa passávamos o dia em casa. Meu tio conversava muito, era carinhoso e muito sensato. Sempre nos dava

conselhos e dizia que devíamos nos comportar para não sermos moças mal faladas. Tio Adelino foi alguém muito especial em minha vida. Uma personalidade forte e coerente. Sabia tomar suas decisões com sensatez.

Recebia mensalmente algum valor em dinheiro que era uma forma dos meus tios pagarem por meus serviços. Algumas vezes ajudava em casa, mas o que eu gostava mesmo era de comprar bons tecidos para confeccionar vestidos, sempre dando prioridade à qualidade. Não tinha muitas roupas mas gostava de me vestir bem. Sempre criei meus próprios modelos.





Um Dia Muito Especial

SEMPRE TIVE MEU TIO como alguém muito especial. Amava-o como ao meu pai. Respeitava-o e procurava nunca contrariá-lo, mas aconteceu de um dia pedir a ele para ir a uma carreira (corrida de cavalos). A corrida aconteceria no Alto Mosquitinho, um lugarejo pequeno, com uma igreja, algumas casas, um armazém e uma modesta escola. Eram recebidos muitos visitantes quando do evento das corridas de cavalo.

Meu tio fitou-me com olhar de reprovação, não gostou da idéia. Eu quis argumentar dizendo que não iria sozinha, estaria em companhia dos primos Braulino e Almerinda, na época já casados, mesmo assim ele não gostou da idéia de eu ir a uma carreira, dizia que não era um ambiente para moça solteira.

Eu tinha uma personalidade bem definida, já na época sabia o que queria e não foi uma cara feia que me impediu de pedir algum dinheiro emprestado e acompanhar os primos.

O dia amanheceu com um sol muito forte, como era comum aos dias de verão. Fomos de carroça e procurávamos nos abrigar embaixo de uma sombrinha. O suor escorria por nosso rosto. Gotas de água

paravam na ponta do nariz escolhendo o melhor momento para cair. Resolvemos parar numa bodega a beira da estrada, tínhamos tempo e era necessário beber algo para nos refrescar.

A bodega era uma construção velha com a pintura quase que sumida, mal iluminada e empoeirada, típica na época.

Ficava no caminho e servia de abrigo para os tropeiros que passavam por lá, tocando as boiadas. Sobre o velho balcão, vidros com ovos cozidos e sardinha, tira gosto preferido dos andantes.

Estávamos tomando um refresco quando olhei para fora e fitei três cavaleiros que vinham a cavalo, com certeza em direção à carreira. Um dos rapazes olhou-me com expressão de agrado, o que me fez olhá-lo também. Não pararam, continuaram sua caminhada.

Ficamos mais algum tempo por ali e também seguimos viagem. Ao chegarmos ao local da corrida meu primo foi dar de beber aos animais, depois nos dirigimos ao local da largada. Havia muita gente no local, adultos e crianças, este era um programa diferente: assistir carreiras aos domingos à tarde. Eram muitos os curiosos, mas algumas pessoas estavam ali para apostar nas patas dos cavalos. Havia pessoas que deixavam até mesmo pequenas fortunas nestas apostas. A euforia era grande, esperávamos o tiro que determinaria a largada.

Os cavalos estavam emparelhados, foi dada a largada, torcemos muito pelo cavalo ..., o mesmo venceu, vibramos de alegria.

Sem eu esperar, Lauro aproximou-se, apresentou-se, cumprimentou meu primo pela vitória do cavalo, e veio conversar comigo. Fiquei atônita e não sabia o que falar, logo eu, que tinha resposta para tudo. Não demorou muito quando os primos chamaram-me para voltarmos para casa.

Dois meses se passaram e não vi Lauro, mas o destino assegurou-nos o direito de um novo encontro. Eram muito comuns as festas de igrejas. Todos davam um jeitinho de ir com a família nestas festas. Assistíamos à missa e ficávamos para almoçar. Por coincidência aconteceu uma festa destas na localidade de Pastagem. Fomos todos. Depois da missa, estava passeando no meio do povo e encontrei Lauro que estava acompanhado. Fiquei triste mas não demonstrei o que estava sentindo, até o ignorei no início, mas tinha o objetivo de tirá-lo da outra garota, afinal “Quem pode mais chora menos.” Minha estratégia deu certo, ele acabou vindo conversar comigo e acompanhou-me até perto de casa. Os encontros começaram a ser mais assíduos, começamos um frágil namoro, mas com poucos dias o namoro estava fortalecido.

O namoro naquela época era bonito, singelo, puro e verdadeiro. Estávamos sempre acompanhados por alguém.

Planejávamos e sonhávamos o que iríamos fazer. Nos apaixonamos numa época privilegiada, quando os sonhos não eram descartáveis e os sentimentos assim como os objetos, podiam durar para sempre.

Lauro era um moço claro e magro, achava-o muito bonito. Gostava de vestir-se bem e fazer umas boças. Andava sempre com seu cavalo muito cuidado, escovado, de crinas aparadas e nó na cauda. Chamava atenção o pelego laranja que usava sempre em seu cavalo, assim ia às festas, à missa e me visitar.







O Compromisso

COM O PASSAR DOS TEMPOS, Lauro já estava mais socializado com o ambiente de casa, passou a cear conosco com frequência, mas até às vinte e uma horas no máximo, deveria ir embora.

Namorávamos de longe e beijo só na testa. Meu tio sempre estava na sala nos fazendo companhia. Em uma daquelas visitas de Lauro à minha casa, comentou que sua família fazia gosto em conhecer-me. Senti um nó subir rapidamente em minha garganta. Como enfrentar a família de Lauro? O que pensariam de mim? Estas e outras perguntas ficaram queimando na minha cabeça.

Lauro não perdeu tempo e combinou tudo. Fomos num domingo e ao chegarmos Lauro veio nos receber. Apresentou-nos a seus pais, Trajano e Catarina, à sua irmã Cecília, que simpaticamente nos acolheram. Em seguida foi dar de beber aos animais da carroça do meu tio.

Meu tio representou meu pai naquele almoço. Justificou à família de Lauro a sua presença ali, dizendo que eu morava com ele, portanto, era o responsável por mim.

O almoço típico de domingo foi farto e delicioso. Teve galinha assada, bolinho de carne e muitos outros pratos para acompanhar.

Conversavam muito, parecia que as duas famílias já se conheciam há muito. Para não fugir ao costume, o café colonial servido às quinze horas foi tão espetacular quanto o almoço: bolo decorado, cucas, doces e geléias, um café próprio da tradição alemã.

A tarde passou rapidamente e ao anoitecer partimos.

Passei a semana curiosa para saber o que a família de Lauro havia achado de mim. No final da semana seguinte estava apreensiva pela chegada de Lauro. Este se aproximou sorridente, falando-me as melhores coisas sobre os comentários de sua família a meu respeito.

Apenas dois finais de semana se sucederam depois da visita e já estávamos noivos. Lauro comprou as alianças na Joalheria Maioc. Depois de noivos, além do beijo na testa eu recebia beijos na face.

Planejamos casar logo, iniciamos os preparativos para comprar meu enxoval. Fomos à Blumenau e a viagem foi de trem. Ficamos na casa de uma prima de Lauro, que também nos acompanhou às compras.

Quando já tínhamos comprado o necessário, pois a situação não permitia extravagâncias, nos dirigimos à estação do trem.

Durante aquele dia Lauro fez amizade com um senhor que nos levou até a estação. Lauro convidou-o para vir ao nosso casamento. O cidadão sentiu-se lisonjeado com o convite e respondeu-nos que viria e nos levaria à igreja com sua fubica.

Entre namoro e noivado seis meses se passaram. Meu espírito aventureiro às vezes me colocava em frias. Lembro-me que certa vez

combinei com Lauro de irmos à uma tarde dançante. Lauro demorou, prima Olga e eu nos vestimos para irmos sozinhas. Antes de sair coloquei minha aliança na gaveta, só que o feitiço virou contra o feiticeiro. Eu e a prima não tínhamos andado muito quando encontramos com meu noivo. Sem a aliança como disfarçaria? Combinei com Olga para ela ficar conversando com Lauro. Dei a desculpa que esqueci algo e fui até em casa colocar a aliança. Felizmente ele não notou e eu percebi que fui infantil ao tirar a aliança.

Lauro havia conversado com meus pais, comentou da nossa decisão e pediu a eles a bênção para nossa união. Meus pais gostaram muito de Lauro e nos abençoaram desejando-nos felicidades e casamento duradouro.







*Felizes para sempre,
até que a Morte nos Separe*

NA QUINTA-FEIRA que antecedeu nosso casamento, Lauro veio à casa de meus tios e eu já esperava por ele. Meu estado de espírito oscilava em estar alegre por acompanhar meu futuro marido e triste por deixar aquela família que amava muito. O choro, tranquei-o na garganta e comecei a ajudar Lauro a carregar a carroça. Toda a minha bagagem cabia no fundo da carroça. Sobre os pacotes e trouxa, colocamos uma cama de casal feita de madeira maciça com um fofo colchão de palhas.

Trabalhamos muito para tudo ficar preparado até o casamento. Matamos um boi, porcos, galinhas, fizemos cucas e doces. Só o bolo dos noivos foi confeccionado fora, dona Beatriz Lopes foi a cozinheira.

Sábado, dia vinte e sete de novembro de mil novecentos e quarenta e sete, o dia amanheceu maravilhoso e o sol mais iluminado. Comecei a arrumar-me, estava com vinte anos completos. Meu vestido era branco, reto no chão, liso com um leve franzido abaixo do abdômen, mangas longas, sapato branco, na cabeça trazia um suave véu preso a uma armação, lembrando uma coroa, trabalhada com gotas de cera. Nas mãos, carregava rosas, colhidas no jardim da minha sogra.

O terno de Lauro era escuro, na lapela usava uma flor branca, sua gravata combinando com os sapatos era preta, usava brilhantina nos cabelos curtos.



Dia do casamento 27/11/47

Eu estava muito emocionada. Fomos para a igreja na fubica do amigo blumenauense e os casais de padrinhos foram em outra fubica. Estávamos em jejum, padre Francisco nos casou na igreja que ficava no alto do morro, onde atualmente é a casa do bispo na cidade de Rio do Sul. Naquela época não tínhamos o hábito de decorar a igreja, portanto a mesma estava muito simples. Após a benção do padre e já casados sob os olhos de Deus, fomos nos casar no cartório, agora sob as leis dos homens. Não deixamos de registrar este dia. Antes de irmos para casa passamos no Foto Marzall e fizemos retratos daqueles momentos tão felizes.

Na volta para casa, com a aliança na mão direita, já senhora Pamplona, estava radiante de felicidade.

Tudo foi arrumado com muito carinho. O salão improvisado no paiol ganhou outro aspecto ao ser decorado para festa, palmeiras e flores tornaram o ambiente acolhedor.

A alegria era contagiante. As cadeiras reservadas para os noivos traziam um lençol branco, embelezado por folhas de palmeiras e flores coloridas. As mesas para os convidados foram dispostas uma ao lado da outra, com os pratos e talheres determinando os lugares. Na época eram convidados para o almoço de casamento os pares já casados, por isso era comum ver crianças correndo por todo lado. O almoço foi servido impreterivelmente às doze horas.

Estávamos tão felizes, juramos nos amar para sempre.

À tarde, outro costume foi respeitado. Foi a vez dos solteiros, servimos café, cortamos o bolo dos noivos e ao som da gaita tocada por seu Sebastião Dias, dançamos durante toda a tarde.

O que dançamos naquele dia distante, de mil novecentos e quarenta e sete, não importa. Os passos se acertaram tão bem no ritmo da dança que a música nunca mais parou.





Como Irmãos

QUANDO TODOS já tinham voltado para suas casas, começamos a nos organizar na arrumação, guardar, lavar. Arrumamos um aposento no paiol para os parentes que ficaram até tarde. Quando fomos nos deitar passava da meia-noite.

Nosso quarto pertenceu a Lauro quando solteiro, era pintado de bege. De mobília, apenas a cama de madeira maciça envernizada que levei junto com meu enxoval. Lembrei naquele momento que se não tivesse levado aquela cama, com certeza dormiríamos no chão.

Sobre o colchão de palhas um lençol branco, caprichosamente alvejado e engomado. Os travesseiros e a cobertura eram de penas de pato. As fronhas e a capa da cobertura também eram brancas.

Depois de lançar um olhar demorado sobre o quarto, preocupei-me em trocar de roupa. Minha camisola era de cambraia branca, com palinhas e uma discreta abertura no colo. Troquei de roupa e deitei-me, não demorou e Lauro entrou no quarto. Estávamos sozinhos, nunca tínhamos ficado assim sozinhos. Me dei conta que aquele homem que eu amava era na verdade um estranho para mim. Em fração de segundos muitas coisas passaram por minha cabeça. Ninguém nunca me disse o que deveria fazer quando estivesse com Lauro depois do casamento, como eu deveria agir. Sempre imaginei que viveríamos como irmãos. Mas Lauro

sabia o que fazer e ensinou-me com a sabedoria de um mestre, entendendo minha aflição e vergonha.

Quando o dia amanheceu o céu estava mais azul, os pássaros cantavam mais vibrantes e eu estava em graças. Estava sem jeito diante de meu sogro, minha sogra e Cecília. Andei de cabeça baixa por todo o dia. Continuamos a arrumação, pois na segunda-feira todos iríamos para a roça. E assim aconteceu. No dia seguinte, cedinho, estava de pé preparando o café para começar a labuta da lavoura. Já estávamos casados há uma semana quando minha sogra se aproximou trazendo vários pares de meias para serem consertadas, até me mostrou como deveria fazer. Fiquei indignada e comentei com Lauro que não iria arrumar coisa nenhuma e sim queimá-las. Não esperei a resposta de Lauro e pus minha idéia em ação.

Trabalhávamos diariamente na roça. Minha função era cuidar da lavoura de fumo que tínhamos plantado.

Entre os cuidados normais que tínhamos com a plantação, rezávamos para que não chovesse ou desse sol demais, ou o que é pior, uma chuva de granizo.

Tudo correu bem com aquela lavoura. Quando chegou o momento da colheita já tínhamos vendido para um grande comércio de cereais.

Caprichei ao preparar aquele fumo em cordas. Tudo em rolinhos, intercalado com a palha para dar uma aparência melhor à mercadoria, pois a minha família era acostumada a trabalhar com fumo e a família de Lauro não, então eu tinha a responsabilidade de fazê-lo bem. Com o dinheiro da venda sonhávamos em comprar um terreno.





O Início de Tudo

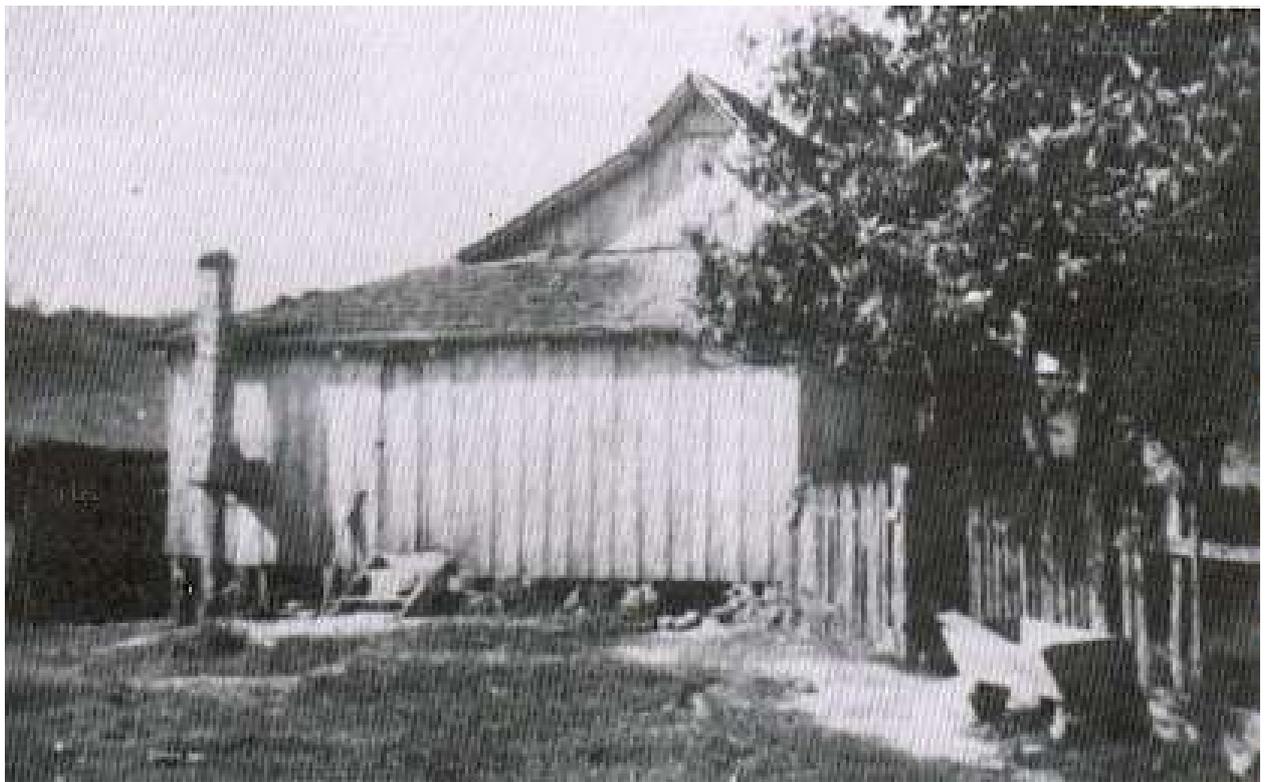
MAS O DINHEIRO que tínhamos recebido na venda da colheita não foi suficiente para comprarmos um pedaço de terra. Pedimos emprestado a um amigo o restante que faltava. A emoção tomou conta de nós dois, pois agora éramos proprietários de um chão pequeno, mas nosso, e de uma modesta casa.

Durante seis meses moramos em companhia de meus sogros e minha cunhada naquele bangalô espaçoso, pintado de verde claro, com um belo jardim e horta.

Iria sentir saudades dos momentos felizes que passei ali, mas poderia visitá-los todos os dias, pois não iria morar longe.

Todo início é difícil, mas o que não nos faltou foi perseverança e determinação. Olhei para aquela velha casa com sótão, janelas de madeira fechadas por taramelas, não era pintada e o tempo criou limo em suas paredes de madeira. Fiz uma boa faxina. Carregamos tudo o que nos pertencia e nos mudamos. Além da cama de casal trouxe a cama de solteiro de Lauro, uma cristaleira, as louças e o enxoval, uma parelha de cavalos com carroça. Não tínhamos mesa nem cadeiras para sentar.

Ao mudarmos para nossa casa, já estava grávida do nosso primeiro bebê. Passados alguns dias depois da mudança, minha sogra nos ofereceu uma mesa que tinha no rancho, que servia para limpar



Nossa primeira residência

porco quando matavam. Dei uma boa areada, fiz uma toalha com sacos de sal alvejados e costurei uma grega. A mesa ficou perfeita. Para completar Lauro trouxe de Rio do Sul caixotes de madeira que serviam como bancos.

Trabalhávamos em nossas terras, mas cuidávamos paralelamente a lavoura do meu sogro, plantando fumo, aipim, milho...

Não estávamos satisfeitos, queríamos mais. Foi aí que Lauro comentou que o antigo proprietário daquele terreno matava bois, tinha até no fundo do rancho um lugar adequado para a matança. Imediatamente pensamos em continuar com aquele ramo de matar bois para vender. Fizemos uma arrumação mais adequada no paiol e iniciamos na atividade de “Matadouro”. Como o chão era de terra batida, forrávamos tudo com folhas de samambaia, assim facilitava na limpeza e não sujava os miúdos do animal, que ali caíam. O terreno possuía água a vontade, o que tornava o negócio viável, o problema era a distância de ir buscar a água a quase 200 metros. Enchíamos grandes tonéis com água trazidas em pequenos latões.

No dia que programávamos matar o boi acordávamos às duas da manhã para darmos conta de matar, limpar, cortar, pesar e podermos sair para vender. Toda atividade da matança era manual, com ferramentas rústicas, muitas vezes confeccionadas por nós. Depois de serrado em duas partes levávamos nas costas, uma por mim, outra por Lauro, até o local onde iria ser pendurado. Andávamos quase cinqüenta metros com aquele peso. No final da minha gravidez, não conseguia mais subir dois degraus que existiam antes de pendurarmos a carne. Lauro pendurava uma parte e depois pegava a parte que eu carregava. Não sabíamos cortar um boi, íamos conversando e vendo o melhor lugar para cortar, ou seja, nas juntas.



Abate boi no chão puxado manual pela talha

Depois de tudo organizado, o peso e o valor eram marcados em um papelão e costurados nas peças. Cobríamos o produto com um pano branco e assim Lauro saía de carroça para vender de casa em casa.

Eu limpava tudo, lavava muito bem para evitar insetos. Quando a carroça retornava, era lavada e os panos brancos sujos de sangue eram alvejados para no dia seguinte serem usados novamente.

Num daqueles dias em que havia trabalhado bastante, senti dores fortes na barriga, fiquei assustada, estava no sétimo mês de gravidez. As dores aumentaram então pedi para chamarem dona Teresa, uma parteira que morava perto da minha casa.

Tempos depois, talvez horas passando dor, dei a luz a uma pequena garotinha, tão pequena que cabia na palma da mão, aquela fragilidade fez-me lembrar do que minha mãe contou a respeito do meu nascimento.

Não havia feito enxoval, era cedo para pensar nisso. Minha sogra enrolou a recém nascida num velho cobertor. Cecília ficou até tarde naquela noite desmanchando meu vestido de noiva para confeccionar um conjuntinho de bebê. Queriam batizar a recém-nascida no outro dia, as expectativas eram as piores.

Meu sogro e minha sogra foram no outro dia cedinho à igreja batizar nosso bebê. Eu acreditava piamente que nosso nenê iria sobreviver, era frágil mas nós a amávamos. Para alimentá-la fiz de um pequeno vidro de remédio devidamente fervido, uma mamadeira, e a chupeta era de um bico em que fiz um pequeno furo com uma agulha fina, assim não teria perigo de afogá-la. Para aquecê-la naqueles dias terríveis de inverno, eu enchia garrafas com água quente e colocava no berço. Muitas noites passei sentada ao lado do berço cuidando daquele pequeno ser.

Suas roupinhas foram sendo confeccionadas por mim, todas a mão. Fazia delicados bordados e crochê, até mesmo nos casaquinhos de pelúcia.

Edina desenvolveu-se muito bem, mesmo com todos os problemas de saúde. Mais tarde foi submetida a várias aplicações para eliminar um sinal que tinha na cabeça. Certamente, se tivesse que passar por toda esta angústia agora, seria mais fácil. Naquela época sair de casa no Mosquitinho para vir para Rio do Sul era problema.

Estava sempre ao lado de Lauro, mesmo porque ele não conseguia se organizar sozinho no matadouro. Ele se encarregava de comprar os bois depois tropeá-los a cavalo. Além das atividades do matadouro, continuávamos lidando com a roça. Eu acumulava a essas tarefas o lavar, passar, e cozinhar.

Cinco meses depois de estarmos morando ali já estávamos matando dois, até três bois na semana. Tínhamos bastante fregueses, estávamos dando mais uma arrumada no matadouro. Contávamos com a colaboração de seu Manuel Rocha, que tinha experiência na matança de gado e porco. Nossas madrugadas eram iluminadas por candeeiros (luz feita a querosene). Somente muito tempo depois tivemos condições de comprar um lampião a gás.

Tudo era difícil, não sabia muitas coisas mas tive que aprender. Estava quase completando dois anos de casada quando Lauro pôde comprar uma mesa nova com meia dúzia de cadeiras de palha. Como fiquei feliz, joguei os caixotes fora.

Ao servir a primeira refeição na nova mesa, fizemos uma oração dando graças ao Senhor por ser tão generoso conosco.

Felizmente tudo corria bem. Já estávamos matando além de bois, porcos. A lavoura estava sendo deixada para ficarmos apenas com o matadouro.

Edina era ainda um bebê e estava para dar a luz ao nosso segundo filho.





Tocando bois no pasto



Comemorando a chegada da luz elétrica



Euclides Scoz

*“Não me leve em banco-maria,
que não sou pudim”*





Escrava do Coronel, Nem Pensar...

A INQUIETAÇÃO DE LAURO fazia-o procurar sempre algo mais para fazer aos finais de semana. Além de tudo que fazíamos, Lauro organizava corridas de cavalo, numa raia que outrora estava desativada e que foi colocada em funcionamento pelo meu marido. Ficava para eu fazer comida para os jóqueis e acompanhantes. Era muito trabalho.

Estava cansada de todos aqueles meses sem poder descansar nem aos finais de semana.

A gota que faltava para transbordar aquele rio finalmente chegou. Num daqueles domingos, entrei em minha casa e deparei com um sujeito dormindo numa cama de solteiro que ficava perto da escada, onde dava para o sótão. Coloquei aos berros o indivíduo para correr. Os apetrechos de montaria joguei-os na lama, e para desespero do sujeito havia chovido na noite anterior. Assim que Lauro entrou em casa, uma tempestade desabou. Falei de todas as minhas angústias e como saldo de nossa conversa, as carreiras não iriam mais acontecer.

Nosso segundo filho estava para nascer, senti fortes dores, três dias de contração, suave de dor. Nasceu um forte garoto com quatro quilos e duzentos gramas, pele bem clarinha. Demos o nome de Valdecir.

Resguardo eu não cumpria. Lauro ficava muitas vezes sem ação no matadouro, não sabia como fazer certas coisas e todo tempo estava me perguntando algo, pois morávamos perto do açougue e o serviço era bastante.

As tarefas de lavar e passar roupa eram executadas à noite. Gostava de alvejar a roupa e sempre engomá-las, passava-as com ferro de brasa. Na época não era comum vestido colorido. Mas minha vida não era só trabalho, freqüentava a igreja regularmente aos domingos. Antes de sair de casa deixava pronta as mamadeiras das crianças e um suculento pernil ou galinha assando para o almoço de domingo.

O café das tardes de domingo também era mais preparado. No sábado à tarde já assava bolos e cucas. Quando surgiam oportunidades íamos a bailes deixando as crianças aos cuidados da dona Lexandrina. Os bailes iniciavam às dezenove horas e iam até à meia-noite.

Nosso comércio crescia. Já tínhamos mais carroças para fazer as entregas, alguns empregados para nos ajudar. Aproveitávamos do boi tudo o que ele nos oferecia e que conhecíamos até então. Separávamos os chifres e os ossos. Tudo era armazenado, pois um senhor de Porto Alegre passava duas vezes por ano e comprava.

Eu gostava de reservar o cedonho (cola) e as pedrinhas do fel do boi para vender separadamente, pois dava um bom lucro. Também fazia sabão para consumo próprio e limpeza do matadouro.

Todas as refeições dos empregados foram preparadas por mim. Era serviço que não acabava mais, cozinhar, fazer uma fornada de pão a cada dois dias. O primeiro café servido aos empregados era puro, lá pelas 2 ou 3 horas da manhã, às 7 horas servia café com pão, às 9:30 horas café com salgado, às 12:00 horas o almoço, à tarde café com pão e à noite janta com salgado.

Algumas vezes sentei na cozinha e fiquei a pensar porque a minha vida tinha que ser vivida com tanto sacrifício e trabalho. Logo que acabava de lamuriar olhava para a gamela perto da janela, cheia de louças para serem lavadas. Se eu não as lavasse, iriam ficar ali, ninguém as lavaria por mim.

Aumentamos o número de bois e porcos abatidos. Trabalhávamos o dia todo. Para pelar o porco tínhamos um tacho grande onde o porco era escaldado e os pêlos raspados com uma faca. Mais tarde é que conhecemos um caneco que escaldava e ia raspando. Da carne de porco preparávamos lingüiça e morcela. Às vezes lavava bem o buchinho do porco, deixava no limão e preparava geléia. Não tínhamos roupas apropriadas, andávamos de tamancos e avental de pano, molhado.

Adquirimos uma fubica (carro de rodas de madeira). Lauro levou-nos ao circo, as crianças, eu e seu Fritz. Quase morri de medo, pois ele não sabia dirigir e fez barbeiragens.

Lauro era aventureiro e destemido. Resolveu ir para Londrina, no Paraná, num desses caminhões pau-de-arara, que muitas pessoas usavam para ir à procura de novas terras e empregos. Não entendi bem o que Lauro queria mas aceitei a viagem. Durante sua ausência comandeí o matadouro com empenho e determinação.

Oito dias depois Lauro estava de volta. Chegou de madrugada e eu já estava de pé, passando café. Ele não quis muita conversa pois estava cansado da viagem. Eu solicitei a ele que me ajudasse pois tinha muitos animais para destrinchar e ele respondeu-me que estava exausto devido o percurso da viagem. Argumentei que eram muitos porcos, então ele acabou indo ajudar-me. Ficou espantado com o número de porcos que matamos, doze naquele dia.

Durante o trabalho, conversamos sobre sua viagem. Contou-me do lugar que foi visitar, como era, e depois de muita conversa, falou que tinha feito um baita negócio. Havia comprado

um açougue, um restaurante e uma lanchonete, tudo ficava próximo a uma parada de ônibus. Minha reação ao que ele falou, foi tempestuosa, fiquei tão nervosa, que não conseguia me conter. Chamei-o de louco, não aceitei a idéia de deixar o que tínhamos conseguido para enfrentar o desconhecido, numa terra distante. Argumentei de todas as formas, mudar para um lugar, que a terra é preta, que todos falavam das doenças que lá existiam.

Esbravejei dizendo:

- Escrava de coronel, nunca!

Dias depois descobri que ele já tinha dado a palavra de venda da propriedade que morávamos.

Nós todos trabalhávamos muito, não tínhamos hora para começar e nem para terminar. Também os empregados naquela época só iam embora quando terminavam todo o serviço, pois não tínhamos geladeira e as carnes estragavam. Sempre que podíamos, aos finais de semana ou aniversário de alguém, comemorávamos com boas comidas. Alguns funcionários moravam na casa, éramos uma só família. Quando estávamos cansados eu sempre dizia **“Aqui o ganho é pouco, mas o pagode é louco”**.

Às vezes quando não tinha pão, eu fazia uma coisa boa (rosca de polvilho, bolinho de banana, sonhos) para tomarmos café à tarde. Eles adoravam e assim nós todos trabalhávamos contentes.

Os empregados gostavam tanto dos meus filhos que certa vez eu quis repreender o Valdecir e eles o esconderam dentro de um tambor. Cada vez que eu chegava perto, mandavam ele se abaixar, assim ele escapou.

Certa vez tínhamos um empregado tão ligeiro, o Euclides Scoz, que fez uma aposta com um colega de trabalho para ver quem matava

um boi em menos tempo. Lembro-me que fez tão rápido, que assim que tirou o coração do boi e pendurou no gancho, o mesmo ainda estava pulsando. Vejam bem: laçar, matar, puxar, pendurar em talhas pela corrente e tirar o couro, isto tudo manual em apenas 13 minutos.



Churrasco com empregados



*“Voar muito alto significa achar
galho para pousar”*





O Início

SOZINHO LAURO NÃO IA, o jeito foi desmanchar aqueles dois negócios mal feitos, o da venda da nossa propriedade e o da compra dos bens de Londrina. Naquela época voltar atrás na palavra dada era quase uma desonra, a palavra valia mais que qualquer documento.

Três meses ficamos parados para que Lauro resolvesse tudo. Enquanto o tempo passou, perdemos os fregueses e fornecedores.

As palavras juradas no altar no dia do nosso casamento foram levadas ao pé da letra. Estávamos juntos e isso era o que importava realmente, a fé nos fazia fortes. Lutei ao lado do meu marido para reabrirmos o matadouro. Procuramos o senhor Henrique Roithe, compramos algumas cabeças de gado e reiniciamos a atividade do matadouro. Os animais tropeados vinham de Lages.

Para conquistarmos a confiança dos fregueses antigos demorou um pouco. Trabalhávamos com empenho para podermos chegar pelo menos ao que já tínhamos adquirido anteriormente.

Matávamos quatro a cinco bois por semana. À tarde eu salgava a carne e fazia lingüiça, tudo a mão, e já esperava o terceiro filho.

Os meses passavam. Estava tão absorta ao trabalho que nem pensava na gravidez que já estava no final. Quando senti as dores, a parteira dona Florentina, me orientou no parto. Nasceu uma garota saudável e bem cabeludinha, seu nome: Irani. Eu me esvaía em sangue e a velha parteira estava desorientada. Minha irmã mais velha foi quem atendeu o bebê. Quanto sofrimento, os recursos eram quase que nenhum, o jeito foi pedir ao Salvador que olhasse por mim. Já recuperada do parto procurei cuidar-me um pouco, mas eram tantos os afazeres que pouco tempo me restava. Minha irmã Tereza veio me ajudar.

Podíamos outra vez respirar mais aliviados. Arrumamos o piso do matadouro, cimentamos, ficou muito melhor.

Edina ajudava-me a cuidar da irmã menor, muitas vezes lavava até a louça do café.

Geralmente um pouco antes do almoço atrelava os cavalos à carroça e subia o morro, perto da minha casa. Lá buscava trato e outros alimentos para os animais. Minha sogra ficava angustiada ao ver-me com a carroça naquele morro, tinha medo que os cavalos disparassem comigo junto. Certa vez cheguei em casa passava do meio dia, Edina já havia cozido arroz achando que não teríamos nada para comer.

As crianças, mesmo que pequenas, ajudavam sempre que possível. Valdecir ficava atento ao balcão enquanto eu me afastava para ir para casa fazer alguma coisa. Quando chegava alguém para atender, corria me chamar. Existia um trilho da porta da cozinha até a porta do açougue de tanto que eu passava por ali.

Procurava atender os meus fregueses com atenção e simpatia.

Irani tinha o apelido de brejeira. Quando me dava conta lá estava ela brincando com água. Cheguei a encontrá-la quase afogada dentro de uma vala de arrozal.

As roupas das crianças, assim como as minhas e as de Lauro, foram confeccionadas por mim. Lembro-me que não usávamos elástico,

tudo era feito com caseados. Costurava aos domingos à tarde para não perder tempo.

Sempre acordei cedo, era a primeira a levantar e a última a deitar. Tive sempre como lema: “nunca é tarde para se fazer o que deseja”.

Edina e Valdecir estudavam de manhã. Iam faceiros para a escola em seus uniformes com camisa branca engomada, assim eles usavam dois dias seguidos. Gostavam de ir à aula mesmo na geada forte ou em dias de chuva. Nos dias de chuva eles vinham brincando nas poças d'água.

Nossos negócios cresciam sensivelmente. Combinei com Lauro que a parte da cobrança era por minha conta. Não tinha essa de marcar ou deixar para pagar na próxima safra. Se comprasse, que pagasse. Se não fizesse assim, como teríamos dinheiro para pagar os bois que comprávamos para o abate? Lauro discordava desse ponto, achava que todos eram honestos e que quando pudessem pagariam.

Eu sabia separar caráter de coração.

A compra dos animais e distribuição da carne era atribuição de Lauro, que fazia com excelência.

Passava o tempo muito ocupada, mas sempre de olhos nos meus bacurizinhos. Um dia observei que Valdecir e Edina estavam muito tempo embaixo da casa. Curiosa, aproximei-me e vi os dois a se deliciarem com pirulitos. Quis saber de onde eles arrumaram aqueles doces. Valdecir, percebendo o erro que cometeu, disse-me que havia pego do assento do carro de um freguês. Fiquei brava com eles pois sempre havia ensinado a não mexer nas coisas dos outros. Depois de levar umas boas palmadas, fiz eles pedirem desculpas ao verdadeiro dono dos doces.







Puxávamos

Pela Mesma Corda

TRABALHAVA INCANSAVELMENTE, não tinha horário para fazer refeição nem para dormir, tampouco para acordar. Sonhava em um dia poder diminuir o ritmo de trabalho e dormir um pouco mais. Com muito esforço nos empenhamos e compramos um outro terreno. Novamente contamos com o auxílio de um amigo para emprestar o restante que faltava para pegar a nossa aquisição.

Por algum tempo sonhamos como seria a nova casa que construiríamos.

Juramos nos amar para sempre e jamais esquecemos a promessa feita. Unidos juntamos nossas forças para atingir nossos objetivos. Algum tempo passou e a planta da nova casa estava desenhada, contratamos dois pedreiros e começamos a executar a obra. Durante a época da construção arrumamos o rancho e passamos a morar lá, assim podíamos acompanhar a obra. Transferimos para o rancho também o matadouro.

Em nenhum dia daqueles todos que trabalhamos com gado, estragou um quilo sequer.

“Nunca disse que não sabia fazer, mas sim, vou ver se faço”.

O fogão a lenha que tive em minha casa nunca esfriou. Fui sempre a primeira a acordar e como dormia tarde o fogão não chegava a

apagar. Despachava as três carroças para entregar a carne, em seguida providenciava o café para os que ficavam. Depois do café delegava a cada um a sua função para aquele dia.

Toda a carne era preparada com cuidado e maior higiene possível. Usávamos uma balança bem simples chamada Santo Antônio, tinha uma só concha e pesávamos com barrinhas de ferro.

Minha saúde sempre foi muito instável, tinha muita dor no estômago. Certa vez minha cunhada falou-me da senhora que fazia garrafadas. Fui procurá-la na esperança que o remédio fizesse efeito. Acho que este problema de saúde era resultado de comer fora de hora e às pressas.

Minhas crianças brincavam sempre juntas, conseqüentemente as travessuras que faziam eram sempre em parceria. Edina e Valdecir numa ocasião fizeram tantas que não me contive e os preendi na estufa, só que de tantos afazeres acabei esquecendo-os lá. Por sorte, Lauro achou-os e liberou-os do castigo.



Bois na mangueira, o açougue e estufa no fundo

Com o quarto bebê da família já a caminho, minhas tarefas estavam cada vez mais acumuladas. Era de manhã à noite para dar conta de tudo. Éramos freqüentemente convidados a apadrinhar crianças, e testemunhar casamentos. O leque de amizades crescia ascendentemente. Nós, apesar do cansaço, gostávamos muito de nos divertir.

Chegou o momento de parar. Minha barriga pesava muito, sem contar a dor que sentia. Só faltou pendurar-me, por que tudo foi feito para induzir aquele parto difícil, mas felizmente um forte garoto nasceu. Pesou quatro quilos e duzentos gramas, chorão e muito galego. Ficou muito tempo sem nome, todos o chamavam de galego por ser muito branco, assim é o seu apelido até hoje, este é Jacir. Nesta época, graças à Deus, tinha empregada para ajudar-me nos serviços da casa.

Os irmãos maiores ajudaram a cuidar do bebê. Gostavam de puxá-lo num carrinho para dar longos passeios. Valdecir geralmente pilotava o tal carrinho e numa curva em velocidade acima da permitida para carrinhos, o bebê foi ao chão. No tombo o bebê machucou o umbigo (quebrou), coloquei uma moeda sobre o umbigo e enfaixei bem, em poucos dias estava recuperado e perfeito. Jacir foi um bebê bem gordinho, mamou até os 4 anos. Me lembro que às vezes vinha do açougue para dar de mamar, e como eu estava sempre com a barriga molhada, dobrava a ponta do avental e debruçava sobre o berço para amamentá-lo.



Construção casa nova e bois que trazemos para as criações da raça

A casa nova estava em fase final, toda em tijolo maciço. Areia, cal, terra e cimento foram usados apenas no reboque. Pintamos de verde claro. Foi toda lixada manualmente e encerada com pasta caseira, cera de abelha derretida com

gasolina. Para dar brilho no assoalho, além de panos embaixo dos pés, colocava as crianças sentadas sobre o escovão e as empurrava.

Sem energia elétrica a solução foi instalar bateria. Que felicidade, já não necessitávamos usar ferro à brasa que era pesado e incômodo de manusear. Não tinha móveis suficientes para mobiliar a casa nova. Tempos mais tarde compramos um jogo de poltronas. Não estou bem certa, mas acredito que na comemoração do dia das mães daquele ano em que a casa ficou pronta ganhei uma cristaleira. Aos poucos fui mobiliando as demais peças da casa com o dinheiro que recebia da venda dos ossos, sedanho e pedra fel.





O Sonho da Valsa

MUITOS FATOS na história de uma família podem ser creditados aos acontecimentos da época, mas há outros que só encontram explicações na vivência, pois estes têm características únicas, peculiares de cada um. Eu e Lauro tínhamos nosso próprio pensamento, sabíamos o que queríamos e conhecíamos o que passava em nossa história, mas nem por isso ficávamos de braços cruzados. Soubemos manter aceso o sonho da valsa do dia do nosso casamento. Essa era a nossa diferença comparando aos outros casais. Pensávamos firmemente no que sonhávamos e não íamos nos acomodar chorando de braços cruzados por aquilo que não tínhamos feito. Éramos de família humilde mas não nos acomodávamos, queríamos sempre mais.

Cada uma das crianças era incumbida de fazer alguma coisa, debulhar o milho, limpar estrebarias, buscar gravetos, lenhas, recolher ovos, tratar as criações.

Valdecir ajudava no açougue amarrando os bilhetinhos com pesos e preços nos pedaços de carne. Muitas vezes envolvi seus pés em acolchoados velhos porque era muito frio de madrugada e ele não tinha calçados para proteger-se.

Jacir tinha apenas dois anos quando fui submetida a uma grande cirurgia. Deram-me anestesia geral. Tirei um quisto, operei trompas,

apendicite e costurei bexiga. Foi uma operação demorada mas me recuperei bem. Mais cedo do que esperávamos já estava de pé, fazendo meu trabalho.

Não escolhia serviço, enfrentava o que vinha para fazer com abnegação e determinação, mas cheguei a ficar algumas vezes decepcionada com meu trabalho. O risco que corríamos diariamente ao lidarmos com aquele gado campeiro era realmente grande. Os animais vinham não sabíamos de onde, muitos deles bravos, agitados, que arrebetavam as cordas e investiam sobre as pessoas com impaciência e zanga.

Lembro-me de uma vez que uma daquelas feras arrebetou a corda já velha pelo uso e investiu sobre Jacir, na época com quatro anos. Quando vi aquela cena tive a impressão que uma cratera tinha se aberto no chão. Pulei sobre sacas de sal, passei por uma cerca de estaquetas, caí sobre um monte de lenhas onde fiz um ferimento profundo. Na hora não senti dor, o que eu queria era livrar meu filho da fúria daquele animal. Graças ao bom Deus cheguei a tempo.

Lauro também escapou algumas vezes de ser atacado por aqueles animais até mesmo quando estavam sendo conduzidos ao matadouro, fugiam e lançavam-se sobre aqueles que na rua estavam.

A diferença de nosso quarto filho para o quinto era de quatro anos. Estava no final daquela que seria minha última gravidez. As carroças sendo carregadas para entregar as encomendas, na época já possuíamos outro automóvel. Lauro havia saído algumas horas, quando retornou, trouxe um eletricitista para consertar uma fiação que estava solta. Fiquei brava, estava sentindo muitas dores e precisava que ele me levasse à maternidade. Esperei mais cinco horas até ter em meus braços, uma doce garotinha pesando três quilos e seiscentos gramas. Escolhi o nome de Daurete lembrando de Santa Goreti, mas o padre não aceitou batizar apenas com um nome, então ficou Maria Daurete.

Na medida do possível procurávamos inovar e melhorar as condições do matadouro. Que felicidade quando instalamos o brete, o boi caía no carrinho para ser levado ao local onde ia ser limpo. Só em lembrar a quantidade de bois que já tínhamos matado sem poder contar com essa facilidade, me assombra.



Organizei a parte de vendas do matadouro, um livro caixa onde tudo o que entrava e saía era registrado.

Com o desmembramento da cidade de Agronômica, Lauro foi convidado para assumir a prefeitura como prefeito provisório, pelo PSD. Nesse espaço de tempo minha casa foi freqüentada por deputados, secretários e até pelo governador da época, senhor Celso Ramos.

Felizmente com a eleição que aconteceu meses depois, Lauro pôde dedicar-se novamente aos negócios particulares.



Familiares e empregados em frente ao açougue







Novas Decisões

O TEMPO FOI PASSANDO. Tantas coisas aconteceram, foi tanto trabalho e os anos passaram tão rapidamente que eu nem me dei conta. Quando percebi estava na hora de decidir se deixaria ou não Edina estudar fora. Agrônômica não possuía curso de segundo grau. Lauro e eu decidimos que Edina faria o segundo grau no Colégio Interno Divina Providência de Apiúna. Providenciamos todo o seu enxoval e a levamos ao colégio. Um fato interessante aconteceu durante uma viagem que Edina fez acompanhando as irmãs para São Paulo. Ao retornar, toda a sua bagagem foi roubada na rodoviária, pobre menina, ficou sem ação e sem saber o que dizer ao chegar em casa.

Valdecir veio para o Colégio Dom Bosco, também em regime de internato. Não se adaptou e voltou para casa com o braço quebrado depois de um tombo. Terminou seus estudos no Colégio Henrique Fontes.

Todas as terças e sextas-feiras Valdecir fazia feira. Vendia galinhas, queijo, ovos, lingüiça, morcilha, torresmo e geléia, todos produtos da nossa propriedade. Às vezes Jacir acompanhava Valdecir na entrega das carnes com a carroça. Além das carroças, estávamos adquirindo veículos para auxiliar na distribuição, nas localidades mais distantes.

Lauro e eu visando o futuro, pensamos como seria interessante estarmos em um local mais estratégico. Começamos a prestar atenção em terrenos que fizessem jus ao que imaginávamos, como ponto estratégico. Não demorou muito e o negócio surgiu. Trocamos um terreno que tínhamos por este onde hoje funciona o frigorífico matriz. No início era somente açougue, registramos, e depois legalizamos e passou a chamar-se **Açougue em Geral de Lauro Pamplona**, mais tarde **Açougue Riosulense Ltda** e por último **Frigorífico Riosulense S/A**.

Compadre Henrique visitava-nos freqüentemente e ficava admirado que nossos funcionários sentavam-se à mesa conosco. Dizia a ele que somos filhos do mesmo Pai e devemos nos comportar como irmãos. Sempre fomos sem luxo e tratamos bem nossos empregados, pois não conseguimos fazer o serviço sozinhos.

Decidimos abrir picadores em alguns pontos, um na Pastagem e outros espalhados por bairros de Rio do Sul. Valdecir dirigia uma camionete que chamávamos de Cacilda. Cedo trazia carne para os picadores e no final do dia passava para recolher o que sobrou e fazer o caixa. A facilidade da energia agora em nossas casas favoreceu o desenvolvimento de todos os setores.



A caminhonete Cacilda na frente do açougue

Cultivei o hábito de reunir a família sempre que possível. Meus filhos gostavam quando preparava a casa para o Natal, montando o Presépio e enfeitando a árvore. Na passagem da Páscoa pintava os ovos, arrumava o ninho aguardando a chegada do coelho.

Depois de quatro anos estudando no internato, Edina voltou para casa e auxiliava-me no cuidado com Daurete que ainda era pequena. Edina estava com dezessete anos aproximadamente quando voltou e estava apaixonada. Logo recebemos a visita do seu pretendente que veio pedi-la em namoro.

Manoel veio visitar-nos e pedir a mão de Edina em casamento. Disse a ele que estava levando a primeira flor do meu jardim, que ele soubesse zelar por ela, não deixando-a murchar nem cair as pétalas.

Para o casamento de Edina preparei uma bela festa onde tudo foi feito com muito carinho. A recepção foi no estilo americano, uma novidade na época. No dia seguinte ao casamento viajaram para São Paulo.

Eu me preocupava em escutar, observar e avaliar novas idéias para poder aplicar na empresa, era sempre necessário mudar, inovar.

Aprendi fazer mortadela, foi mais uma inovação nos produtos que fabricávamos.







Modernizar Para Crescer

Já possuíamos o terreno para a construção de um novo açougue. Fomos trabalhando na planta deste novo empreendimento. Passávamos horas estudando aquela que seria a planta mais adequada. Construiríamos dois pisos de alvenaria; embaixo a produção e o posto de vendas e em cima um apartamento para morarmos. Seria uma construção moderna tendo a estrutura de um bom frigorífico. Lauro foi visitar frigoríficos do Rio Grande do Sul para poder conhecer melhor aquilo que estava querendo construir e fazer dentro das normas.

No final de 1968 nos mudamos para o novo frigorífico que era totalmente modernizado e possuía câmara fria. Cortávamos os bois em quatro pedaços e já não precisávamos mais carregá-los nas costas. O boi era pendurado para tirar o couro. Instalamos máquinas para lavar o bucho e tripas. Revestimos com azulejos azuis. Pensamos em pintar a obra de branco, mas por sugestão de Jacir incluímos dois tons de azul. As três cores passaram a ser marca registrada de nosso frigorífico. Compramos um caminhão para transportar os bois e tínhamos ainda Cacilda, a camioneta. As entregas nas redondezas eram feitas com carroças e nas localidades distantes usávamos a Cacilda.

Lauro sempre foi um homem bom para negócios. Não tinha medo de fazer dívidas, tinha certeza que trabalhando dava certo e conseguia pagar os credores e assim sempre foi.

Contávamos com o auxílio na produção do seu Alfredo Markewez e sua esposa Maria cuidava de Daurete e da casa para mim.



Com tantas máquinas para agilizar as atividades, nosso trabalho não diminuiu. Com o desenvolvimento da comunidade de Rio do Sul foram surgindo os supermercados. Atentos às mudanças do comércio, vendemos os picadores e passamos a vender diretamente aos mercados. Daurete e Irani estudavam no Instituto Maria Auxiliadora e Jacir no Colégio Dom Bosco.

Com a instalação do novo frigorífico o serviço de inspeção também foi acionado.



Em ocasiões de festa era o maior sufoco. Filas enormes para serem atendidas e meus funcionários ficavam admirados, porque com todo o movimento no posto de vendas, eu fazia rapidamente os cálculos



de cabeça. Brincava com eles dizendo que isso era prática de vinte e tantos anos.

Sempre fui uma mulher doente. Minha saúde era instável, no entanto nunca deixei que isso fizesse de mim uma pessoa infeliz e acomodada. Procurei tornar minha vida útil seguindo meus princípios de fé e amor cristãos, mas nunca deixei ninguém me magoar ou humilhar. Se isto tivesse acontecido não dava chance de acontecer uma segunda vez.

Começamos a vender para as regiões de Lages, Florianópolis, Itajaí, Blumenau e Joinville. Com todas essas mudanças eu continuava a dormir tarde e não tinha hora para acordar. A campanha tocava a



qualquer hora para atender os vendedores que vinham prestar contas, clientes fora de hora ou caminhão que chegava com bois ou porcos. Já não deitava mais em minha cama, esticava-me no chão do corredor que ficava mais perto da porta.

Valdecir namorou Zenita e casou-se. Fizemos a recepção no salão da igreja, estava muito bonito.

Irani na época tinha apenas quatorze anos e assumiu toda a parte do escritório. Contratamos um contador que ficava junto para orientar e fazer toda a parte burocrática. Osmar também veio trabalhar no escritório.

Tantos anos de prática e uma visão empresarial aguçada pelo tempo, argumentei junto a Lauro da possibilidade de empregarmos

mulheres para amarrar lingüiça e fazer outras atividades. Com certeza a mulher faz com mais destreza e melhor acabamento, pois mulher é mais delicada. Concordou comigo e desta forma empregamos algumas mulheres tendo êxito total.

Valdecir e Zenita moravam conosco. Certa vez viajamos juntos à Aparecida do Norte. Lá passei muito mal sentindo dores fortes, pedi a Nossa Senhora que me protegesse e que minhas dores diminuíssem.

Quando retornamos da viagem, depois de uma seqüência insuportável de dores, procurei um profissional da medicina e ele disse-me que estava estafada. Os medicamentos receitados não fizeram efeito. Fui com Daurete para São Paulo visitar minha filha Edina e consultei um médico, fiz tratamento para anemia vinte e oito dias. Depois do tratamento retornamos para casa e estava me sentindo melhor.

Valdecir e Zenita construíram a sua casa e mudaram-se. Irani e Osmar estavam namorando e resolveram casar-se. A festa foi no clube Caça e Tiro, preparamos tudo com muito carinho e dedicação.

Conseguimos quitar todos os nossos compromissos. Já tínhamos comprado uma fazenda e a casa da praia. Lauro não ligava para praia mas eu adorava ficar lá. Lauro ia apenas aos finais de semana.

Devido ao meu problema de saúde, nos apressamos em comprar um terreno na cidade de Rio do Sul. Vimos alguns, mas fechamos negócio com este onde está situada minha residência. Como vizinhos tínhamos a igreja e o colégio.

Planejamos muito como seria nossa futura casa. Rabiscamos muitos desenhos no papel até que, com muito empenho e auxílio de um engenheiro, terminamos a planta.





*Finalmente o Sonho
Se Realizou*



Com a conclusão da casa de Rio do Sul nos mudamos. Em casa estavam apenas Daurete e Jacir, que ainda estudavam.

Na primeira noite que dormimos na residência nova eu acordei e pus-me de joelhos, agradei a Deus pela graça de não precisar mais acordar de madrugada. Foram vinte e sete anos que acordei às duas da manhã. Estava tão feliz que nem conseguia dormir. Lauro acordou assustado ouvindo-me rezar alto, achou que eu estava maluca. Ele não entendia como eu podia perder o sono por felicidade. Não foi difícil acostumar-me com a nova vida. Meu trabalho no frigorífico passou a ser mais de fiscalizar e observar como estavam sendo executadas as atividades pelos funcionários. Se alguma coisa não ia bem eu chamava atenção para que se fizessem corretamente.

Muitas vezes pequenos detalhes modificam totalmente a seqüência do trabalho. Uma rampa ao invés de três degraus de escada permite ao funcionário levar no carrinho uma mercadoria a uma distância maior, facilitando o seu trabalho.

Ordem, disciplina e respeito foram pontos que sempre procurei manter dentro do frigorífico.

Convidaram-me para fazer parte de um grupo de lanches. No início relutei um pouco mas acabei gostando de participar. Estou nele até hoje e já se passaram mais ou menos 18 anos. Já faz algum tempo que no grupo de lanches organizamos uma viagem só para senhoras, fomos a Buenos Aires e Montevidéu. Foi minha primeira viagem internacional. Foram muitos os preparativos, eu não tinha documento nenhum e tive que providenciar até a carteira de identidade. Fomos de navio de Porto Alegre à Argentina. Fiquei emocionada com as paisagens que vi, ainda guardo-as na memória.

Ao chegarmos na Argentina, estávamos numa praça e uma colega tirou um cigarro para fumar, imediatamente surgiu um policial e solicitou a ela que o apagasse. Esta viagem foi maravilhosa e espero poder retornar a Passo de Libras em uma outra ocasião.

Retornei feliz para minha casa. A oportunidade da viagem me fez conhecer coisas que nem imaginava. Estas amigas de lanche e bolão

são meu xodó. Às vezes estou um pouco doente, mas mesmo assim não falto no lanche, e sempre volto bem melhor. Apesar do grupo ser de lanche, vou até lá para bater papo, pois sou diabética e não como doce e nem sempre jogo bolão.



Amigas do lanche

Sempre tive o hábito de antes de sair de casa olhar se tudo estava limpo, desligado e fechado. Existem coisas que de tanto você fazer não consegue mais parar. Para facilitar minha ida ao frigorífico, Lauro presenteou-me com um carro, um fusca azul, que me acompanhou durante anos. Fui à auto-escola para aprender a dirigir. Que tranquilidade, passeava para todo lado sem depender de ninguém.

Sempre tive ao meu lado a mão protetora do Senhor. Sentia dores, mas trabalhava com alegria esforçando-me para que tudo melhorasse. As dores no braço e a falta de ar aumentavam de uma maneira quase insuportável. Houve um dia que Daurete ligou para casa de um médico conhecido da família que devia ter imaginado que eu não estava tão doente assim. Simplesmente receitou medicação por telefone, disse que passaria para visitar-me, mas até agora espero sua visita. Na manhã seguinte procurei um outro médico que me atendeu e disse-me que deveríamos procurar um especialista, pois meu problema necessitava de tratamento. Fomos a Blumenau, fiz uma série de exames e o médico que

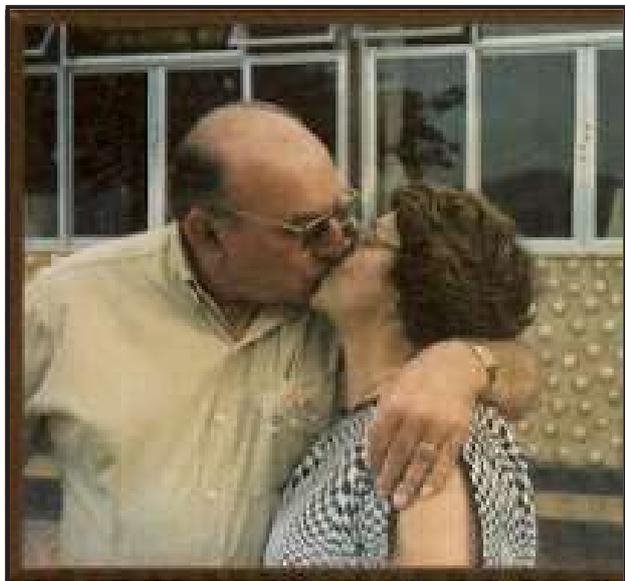
me consultou, encaminhou-nos para São Paulo, pois os hospitais de Blumenau não tinham equipamento para uma cirurgia tão complicada. Viajamos a São Paulo, era ano de 1982. Lá fiz mais uma série de exames, a cirurgia foi marcada, fiquei internada esperando a hora de ir para a mesa de cirurgia. No período da espera recebi a visita de dois senhores que estavam visitando os pacientes falando-lhes palavras de conforto. Foi bom ouvi-los, pude refletir como foi minha vida até aquele momento. Também tive uma surpresa agradável, antes da cirurgia pude ver todos os meus filhos e Lauro ao redor da minha cama. Como sempre fazíamos, tivemos uma conversa em família e fizemos uma oração juntos. No quarto tinha um quadro com a imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, fiz uma oração com fé pedindo a ela que me guardasse durante a cirurgia. Irani e Edina entraram no quarto no momento que estava conversando em voz alta com Deus. Elas nada entenderam, acho que pensaram que estava divagando. Foram seis horas de cirurgia com o saldo de três pontes safena e uma mamaria. Depois da operação fui conduzida ao CTI. Apenas Lauro pôde entrar. Ao acordar-me quis saber o porquê daquelas faixas na minha perna, e a explicação veio na hora, foi da sua perna que tiramos as safenas. Na volta foi muito repouso e uma dieta que faço até hoje, mas o amor da minha família e o que sinto por eles fez com que me recuperasse bem. Valdecir ao visitar-me, para me deixar tranqüila disse que todos estavam sentindo minha falta no frigorífico, mas quanto ao trabalho que eu não me preocupasse pois estava tudo em ordem.

Aos poucos fui retomando às atividades e com o passar dos anos nem lembrava que era safenada.

Jacir e Maurina namoravam e estavam cursando a faculdade. Casaram-se sem concluir os estudos. Foi uma cerimônia na igreja matriz, a recepção foi no Esporte Clube Concórdia.

Lauro e eu estávamos juntos e felizes como sempre, com mais tempo para aproveitar a vida. Programamos uma viagem ao norte e nordeste do Brasil. Fomos na companhia de mais nove casais, a viagem foi de ônibus. Que regiões maravilhosas que deslumbramos, foram dias inesquecíveis, conhecemos treze cidades. Na volta o ônibus atropelou um veado e como a carne do animal é saborosa, resolvemos degustá-la,

então limpei o bicho. No caminho entramos em um restaurante, explicamos a situação ao dono que nos deixou temperar a carne na cozinha do restaurante. Seguimos viagem, paramos o ônibus num lugar muito agradável embaixo de uma árvore. Lá assamos nosso almoço.



Os casais de amigos que viajaram conosco ao Nordeste.

Eu e Lauro tirando o couro de um veado e os colegas segurando.

Assamos o veado debaixo de uma árvore e comemos, fazendo o almoço.

Quando chegamos em casa, depois de vinte e oito dias viajando, ficamos tristes que já havia terminado o passeio.

Alim e Daurete depois de alguns anos de namoro casaram-se. Eles estavam lindos. Mais uma vez esmerei-me na decoração da igreja e do clube, afinal minha última filha estava casando.



Os casais de amigos que viajaram conosco ao Nordeste



Eu e Lauro tirando o couro de um veadinho e os colegas segurando

Assamos o veadinho debaixo de uma árvore e comemos, fazendo o almoço



Crescia o número de granjas e também o frigorífico na comercialização pois conhecíamos o produto que estávamos vendendo. Tínhamos investido na formação da fábrica de rações.

Lauro e eu podíamos brincar de esconder dentro de nossa casa. Na verdade nossa casa continuava movimentada, a presença do netos alegrava e contagiava cada cômodo. Nossas festas eram cada vez mais alegres, as crianças têm esse dom de alegrar os ambientes.

Os filhos, todos adultos e casados, trabalham na administração da empresa, assim como os netos mais velhos. Os negócios andavam bem, a união da família foi nossa maior preocupação, além de dar educação, carinho e ensinar o caminho certo.





O Vazio Que ficou

LAURO E EU tínhamos mais tempo para discutir assuntos, nossa vida estava mais tranqüila, o frigorífico ia bem, tínhamos instalado outras câmaras frias, montado outras máquinas, adquirido caminhões. Felizmente tudo estava dando certo.

Sentávamos na calçada do lado de casa e ficávamos conversando. Às vezes ele perguntava para mim se eu já tinha me dado conta de tantas coisas que possuíamos, respondia a ele que não me preocupava muito com isso. Ele ficava bravo, como que eu podia não querer saber o que já adquirira.

Mas quem me deixou triste foi ele, uma ocasião sentados no mesmo lugar de sempre, saboreando um chimarrão, ficou olhando para o infinito e disse-me:

-"Já cumpri, tudo que tinha para fazer aqui na terra".

Fiquei chateada, ora que idéia. Pedi para que ele parasse de falar bobagens. A conversa tomou outro rumo.

Todos estavam em casa naquele final de semana. Fomos todos ao casamento de um funcionário da empresa. Geralmente quando a família se reunia era eu quem preparava o almoço de domingo. Gostava



de cozinhar e criar novos pratos, mas Lauro convidou a todos para almoçar na fazenda. O que não esqueço foi a forma que fez o convite.

- “Amanhã farei um churrasco, é o último que vou fazer”.

Estávamos felizes com a família reunida, Lauro serviu a todos. Foi um dia agradável e alegre. No fim da tarde voltamos todos para casa.

No dia seguinte Lauro retornou sozinho à fazenda. Era segunda-feira, 15 de abril, feriado municipal. Pela manhã sentiu-se mal e deitou um pouco, coisa que nunca fez. Lá fizeram-lhe um chá para o estômago pois ele disse que doía. Osmar e Irani passaram na fazenda e quiseram trazê-lo para baixo, Lauro respondeu que não era nada e que à tarde iria dar uma volta com o encarregado da fazenda para comprar alguns bois. Passou todo o dia na fazenda dando instruções aos

empregados. Acabou voltando mais tarde do que de costume, já estávamos preocupados. Osmar e Irani estavam preparados para ir ao seu encontro quando ele chegou, buzinou e abriu o portão como de costume. Seu semblante era de cansaço. Eu já o esperava com o jantar pronto. Lauro tomou um banho, fez a barba e jantamos. Após o jantar, ficamos conversando sobre a fazenda, falou do seu dia e de seus planos sobre a mesma.

Estávamos cansados, era perto das 23:00 horas quando nos deitamos. Lauro logo adormeceu. Eu não tinha adormecido completamente quando ouvi um som estranho emitido por Lauro. Levantei-me, chamei meu marido inerte ao meu lado, o sacudi na esperança de reavivá-lo mas foi inútil, Lauro estava morto. Fiquei ali inerte e perplexa, não sabia o que fazer. Como poderia estar acontecendo aquilo, Lauro não poderia ter me deixado!

Não lembro como consegui chegar ao escritório e ligar para Irani. Não demorou e Osmar e Valdecir estavam ali. Alguns vizinhos chegaram. Lauro foi levado ao hospital, mas nada adiantou.

As horas que se sucederam naquele dia foram as mais terríveis da minha vida. Já havia passado pela difícil experiência da morte de meu pai e de meus sogros, mas a dor de perder meu marido era indefinível.

Lauro foi velado na sede do frigorífico. Olhava aquele corpo acromático naquele caixão, mas não acreditava que era meu marido. Lauro foi sepultado no dia seguinte à tardinha, no cemitério municipal de Rio do Sul.

Fiz uma promessa a meu marido: que não deixaria acabar tudo que havíamos conseguido.





Seu lema:

- *Trabalho*
- *Dignidade*
- *Espírito Comunitário*
- *Dedicação e União da Família*



Seus Ensinamentos:

- *Duas cabeças pensam melhor que uma;
nunca decidir sozinho.*
- *Analisar caso por caso.*
- *Curvir e respeitar o subordinado desde o mais
humilde ao mais graduado.*
- *Quem madruga Deus ajuda.*
- *O chefe deve ser o primeiro a chegar e o último a sair.*
 - *Tem que acompanhar tudo de perto.*
- *Ninguém precisa usar toda a autoridade que tem.*
- *A pessoa para saber mandar tem que saber fazer.*
 - *A união faz a força.*
- *Use a cabeça, sempre tem uma saída, procure
a melhor e mais fácil.*
- *Quem fala a verdade não merece castigo.*
 - *Boi lerdo toma água suja.*

*“Me sinto uma cachoeira
sem água”*





Unidos, Venceremos

COM A AUSÊNCIA de Lauro precisei de algum tempo para poder me organizar. Sempre fizemos tudo junto, até as decisões eram tomadas conjuntamente, fiquei desorientada. Alguns meses se passaram, quando reuni toda a família para conversar e planejar quais seriam as decisões que tomaríamos.

Coloquei a eles que sozinha não teria condições de tocar a empresa nem os negócios particulares, eu precisava do auxílio de todos. Não dividiríamos nada e eu presidiria a empresa enquanto viver.

Cada um ficou responsável por sua área, exatamente como já funcionava há alguns anos. Todos concordaram e assim fizemos. Lauro foi um homem de muita visão para o futuro. Ele estava sempre presente para aconselhar e participar das reuniões.

Criamos uma creche para as crianças, filhos de nossos funcionários. Desta forma os pais funcionários trabalham com mais tranquilidade.

Nossos filhos seguiram nossos ensinamentos. Todos são trabalhadores e responsáveis pelo que fazem. Lauro sempre chamou-os carinhosamente de guris e gurias. Sempre os elogiou.

Assim os negócios vão até hoje, todos trabalhando para um só objetivo, o melhor para a empresa. Um grande sonho também foi o de ter conseguido habilitar o frigorífico para exportação.

Novamente a vida pregou-me uma peça. Meu coração pediu-me socorro, desta vez o pânico bateu em minha porta. Procurei um médico onde o diagnóstico foi imediato, a probabilidade de uma nova cirurgia não podia ser rejeitada. Fomos à São Paulo, o diagnóstico foi confirmado e a uma nova cirurgia no coração seria submetida.

Fui internada mais uma vez em um quarto de hospital, esperando a hora fatídica.

Novamente Edina e Irani me acompanharam. No dia que antecedeu a cirurgia, os outros 3 filhos chegaram: Valdecir, Jacir e Maria Daurete. Só faltou Lauro pessoalmente, mas espiritualmente estava lá. Com a família reunida falei tudo o que pensava, pois não sabia se escapava daquela. Foi um momento difícil porém lindo em que pude ver todos os meus filhos unidos. Novamente fizemos uma prece de mãos dadas.

Fiz uma oração pedindo a Deus que não me levasse, que eu ainda desejava ficar com minha família, que abençoasse as mãos dos médicos. Que Nossa Senhora descesse seu manto azul sobre o anestesista para que ele fizesse um bom trabalho.

Foram horas na sala de cirurgia, ao término fiquei no CTI. Quando recebi alta sentia-me muito feliz e agradecida pois com as graças do Senhor, escapei mais uma vez. Ao retornar para casa passei quarenta e cinco dias em sofrimento contínuo. Devido a diabete, a perna onde mais uma vez haviam tirado uma veia não fechava. Era tanta dor que cheguei a ser medicada com morfina. Tudo tinha sido feito, cheguei a pensar que seria melhor não ter aquele membro. A título de experiência,

de tanto eu insistir, um amigo médico da família elaborou um preparado sobre o abcesso da perna. Fiquei alguns dias com aquilo na perna, voltei a consultar e mais uma vez o médico aplicou a experiência, foi um sucesso total. Hoje sempre tenho que agradecer a ele, Dr. Bacca.

Recuperada de tanto sofrimento, passei a ter a minha vida normal. Ainda me sentindo uma cachoeira sem água pela ausência de Lauro, mas com amor à vida e com sentimento forte de agradecimento por mais essa chance de poder viver.

Agora visito os frigoríficos, granjas, fazenda, fábrica de rações e filiais. Vou até lá, observo, comento o que é preciso e gosto de conversar com os funcionários que chamo de filhos.

Participo sempre das reuniões da diretoria, pois assim estou por dentro de tudo que se passa e das decisões. É muito gratificante ver a atenção e dedicação de todos da diretoria e assessoria aos assuntos da empresa. Tudo é decidido em conjunto dentro da melhor normalidade.

Procuro me adaptar, é claro que não acho tudo certo, mas não fico julgando. Na verdade não julgo ninguém, só luto pelo o que é certo.

Muitas vezes fiquei a pensar como meus filhos cresceram rápido. Quase não tive tempo de aproveitar seus dias de criança. A educação deles sempre ficou a meus cuidados, mas nunca tive tempo de paparicá-los. Espanta-me como as mães criam seus filhos hoje em dia. Ficam muito absorvidas e dependentes. Dizem que as crianças não podem ter traumas. Ora, trauma a gente tem a vida toda, melhor se acostumar desde pequeno. Cuido pessoalmente da organização da minha casa, conto com o auxílio de uma empregada. Meus filhos estão sempre me visitando, nunca estou sozinha. Agora, devido a diabete, perdi uma vista e preciso de uma motorista.

Só desejo que minha família, esteja sempre unida, e que a humildade entre os irmãos prevaleça.

Nos dias de hoje, viajo, freqüento spa, passeio, brinco com os netos, estou com a vida que pedi a Deus.

Minha mensagem é para que as pessoas não desistam de acreditar na sua força interior, de acreditar em si, sabendo conciliar o interesse de evoluir com o trabalho.

Ao ver-me refletida no espelho enxergo as rugas e um semblante marcado pelo tempo, mas sou uma mulher realizada e feliz, que venceu.

Porque amou, lutou e nunca deixou de saber o que queria.

Saber reconhecer as estrelas é o nosso destino, pois há quem se encante com o brilho das estrelas que não são suas, parecendo aquele passageiro que fica a vida toda na estação.

Aceitar a estrela que trazemos é o que faz mais intenso, desvendando seus mistérios, para que sua luz ilumine seu coração.



Vou deixar uma mensagem



PARA MEUS FILHOS:

A gente não escolhe os irmãos nem os parentes, mas eles estão aí ...

Vocês cinco não escolheram serem irmãos uns dos outros, mas o meu amor e de Lauro, fez com que vocês aí estivessem. São todos maravilhosos e amo a todos igualmente. Assim como Deus escolheu Maria e José para serem os pais de Jesus, Deus também me escolheu para ser a mãe de vocês e Lauro seu pai.

Agora aos 70 anos de idade pensei que deveria me presentear pelo que fiz nesta vida, pois estamos aqui só de passagem e gostaria de deixar registrada a minha história.

Aos meus filhos, genros, noras, netos, netas, bisnetos(as) e aos que ainda virão na continuidade desta família que eu iniciei com muita luta, sacrifício, amor e carinho juntamente com o primeiro, único e maior amor da minha vida, o “Lauro”.

Para que todos meus filhos nunca se esqueçam dos meus ensinamentos e que saibam transmitir aos seus filhos e assim a corrente siga em frente, que eles não

esqueçam que a minha maior alegria e satisfação é ver sempre esta união de todos. Peço a Deus que os ilumine e os abençoe, pois assim posso ficar em paz, hoje e sempre, pois eles sabem da força e do amor que brota no meu coração por eles.

“Para manter uma família unida não podemos esquecer de Amar, Educar, Dialogar, Ouvir e Punir na hora certa, mas sempre com a presença de Deus para iluminar”.

Aquela menina do interior franzinina, doente, sem estudo, foi uma mocinha e uma mulher, hoje mãe de cinco filhos e feliz por Deus ter me dado estes filhos. Obrigado, meu Deus, me sinto uma mãe orgulhosa. Agora com os netos e bisnetos sinto-me forte e realizada em meu sonho de ser mãe, sogra, avó e bisavó.



PARA MEUS AMIGOS:



Para meus amigos(as) e parentes e para todos que me conheceram e os que só vão ter a oportunidade de me conhecer através deste livro, deixo algumas mensagens pela experiência que tive e dizer que foi com a maior alegria que vivi. Onde estou não gosto que falem de tristezas, doenças e problemas, e sim de alegria, dialogando para achar a solução, pois apesar de tudo que passei hoje sou uma mulher com saúde, feliz porque me amo primeiro para depois amar você, que é meu irmão.

“Quando olhamos para trás e vemos a distância percorrida nestes últimos anos, não podemos duvidar das grandes coisas que a mulher é capaz de realizar.”



PARA MEUS COLABORADORES:



Aos meus colaboradores, os quais com muito carinho chamo de meus filhos, pois todos formamos esta grande família “A família Pamplona”, o meu agradecimento. Desde os primeiros, há cerca de 50 anos, hoje quase 1000 companheiros de trabalho, dizer que: “Trabalhar, temos que fazer em qualquer lugar, então sempre que o fizer devemos fazê-lo bem feito e com amor.”

“Sem esforço ninguém pode obter sucesso.”

Aqui não posso esquecer do filho que chamo de adotivo, o Júlio.



*Vale a pena tentar.
Tentando, agindo,
errando, acertando,
de qualquer maneira
estamos participando,
vivendo, crescendo,
somando, aprendendo.*



*Sempre tem alguma
coisa nesta grande escola da vida a fazer.
Nunca diga não sei, e sim vou ver.*







Quanto mais coisas você fizer, mais vivo vai se sentir.

Tiveram ocasiões em minha vida que foram de muito trabalho e luta.

Também houveram períodos de muita felicidade, que passei ao lado de Lauro.

Esta é a primeira vez que estou construindo algo sozinha em minha própria vida, "meu livro".

Mas tenho a minha família que é maravilhosa e não me deixa só.

Hoje estou bem graças a Deus.

Gosto de sorrir, faz bem à vida, principalmente para uma mulher de 70 anos.

Sempre digo que: Sou guiada pela paixão de viver alegre, e contente. Onde estou não tem tristeza, vivo pensando positivo. Assim levo a vida sorrindo, guiada pela luz divina que me ilumina.





